

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE**  
**CURSO PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS**  
**SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO**  
**PROFESSOR NOTA 10**

**DENISE PORTO DA SILVA – 4026208/0**

**EDNÓLIA LIMA DOS SANTOS – 4030082/1**

**ELISÂNGELA ABREU DE SOUSA – 4030089/8**

**MARTA LÚCIA DE LIMA – 4026484/2**

**A LITERATURA INFANTIL**  
**A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO**  
**ESTÍMULO À LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS**

**BRASÍLIA**

**2005**

**DENISE PORTO DA SILVA – 4026208/0**  
**EDNÓLIA LIMA DOS SANTOS – 4030082/1**  
**ELISÂNGELA ABREU DE SOUSA – 4030089/8**  
**MARTA LÚCIA DE LIMA – 4026484/2**

**A LITERATURA INFANTIL**  
**A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO**  
**ESTÍMULO À LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para conclusão da disciplina Monografia II.

Orientador: Jorge Leite de Oliveira

**BRASÍLIA**

**2005**

## **RESUMO**

Este trabalho tem como principal objetivo conhecer um pouco mais sobre a literatura infantil, principalmente sobre os contos de fadas, procurando incentivar a busca pelo livro, possibilitando à criança usufruir o prazer da leitura, por meio da história, suscitando seu imaginário e tendo uma visão mais ampla de tudo o que a cerca, tornando-se mais reflexiva e crítica, sendo capaz de organizar seu pensamento frente à realidade social que vive e atua. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, cujo instrumento foi questionário com perguntas abertas e fechadas aplicados na Escola Classe 39 de Ceilândia-DF. Foi aplicado questionário em 30 professores das séries iniciais do ensino fundamental e 67 alunos de segunda série do Ensino Fundamental. Pode-se constatar pelas respostas dos alunos a falta de leitura no âmbito familiar e, pelos professores, a falta de interesse dos alunos pela leitura embora estes afirmem gostar de histórias infantis. Conclui-se que há muito a fazer no contexto escolar para maior incentivo à busca pela literatura infantil, principalmente pelos contos de fadas. Várias mudanças de consciência sobre a prática pedagógica no contexto escolar e sala de aula se faz necessário para que as crianças vejam nos livros fonte de prazer e, conseqüentemente de sabedoria.

Palavras-chave: literatura infantil, contos de fadas, incentivo à leitura.

Primeiramente a Deus, que nos guiou e nos conduziu nesta caminhada, presente em todos os momentos da nossa vida.

Aos nossos familiares pelo carinho e incentivo.

Ao professor Jorge Leite de Oliveira que com seu carisma e atenção, contribuiu para a conclusão deste estudo.

“(...) Todo início contém um evento mágico, o encontro de amor um deslumbramento no olhar...

É aí que nascem as grandes paixões, a dedicação às causas, a disciplina que põe asas à imaginação e faz os corpos voarem”. ( Rubem Alves )

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>1 HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL.....</b>	<b>09</b>
1.1 Desenvolvimento da literatura infantil no Brasil.....	14
<b>2 O CONTO NA LITERATURA INFANTIL .....</b>	<b>19</b>
2.1 Os contos de fadas na formação da personalidade.....	21
2.2 Os Contos de Fadas como instrumentos pedagógicos.....	26
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>37</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>38</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>53</b>

## **ANEXOS 01 e 02**

## ANEXO 01

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (UniCEUB)

CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10.

Este questionário visa colher informações, junto aos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, sobre a Literatura Infantil como um estímulo à leitura.

As informações que você fornecer serão úteis para uma melhor compreensão do processo educativo. Não há respostas corretas ou incorretas. Somente suas importantes opiniões. Suas respostas serão tratadas com confidencialidade e não poderão ser atribuídas a você.

Muito obrigada pela contribuição.

Denise Porto da Silva

Ednólia Lima dos Santos

Elisângela Abreu de Sousa

Marta Lúcia de Lima



Questionário dirigido aos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

01) Por que temos que aprender a ler?

---

---

---

02) Alguém em sua família costuma ler para você? Quem?

☐ Sempre

☐ Pai ou mãe

☐ Às vezes

☐ Avós

☐ Nunca

☐ Irmãos

☐ Outros: \_\_\_\_\_

03) Alguém em sua família costuma lhe contar histórias?

☐ Sempre

☐ Às vezes

☐ Nunca

04) Em casa há pessoas que lêem sempre?

☐ Sim

☐ Não

05) Você gosta de ler para um grupo?

☐ Sim

☐ Depende de quem seja

☐ Não

06) Você costuma ler para alguém fora da escola? Onde?

☐ Sempre

☐ Em casa

☐ Às vezes

☐ Na igreja

☐ Nunca

☐ Entre amigos

( ) Outros: \_\_\_\_\_

07) Fazer leitura silenciosa antes de ler oralmente é:

- ( ) Desnecessário e chato
- ( ) Chato mais importante
- ( ) Legal mas desnecessário
- ( ) Legal e importante

08) Alguém já lhe deu ou emprestou um livro de história?

- ( ) Sim
- ( ) Não

09) No caso de resposta afirmativa, quem?

- ( ) Pais
- ( ) Parentes
- ( ) Amigos
- ( ) Professores
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

10) Você gosta de ouvir contos de fadas?

- ( ) sim      ( ) não      ( ) às vezes

11) Que tipo de texto você mais gosta?

- |                            |   |
|----------------------------|---|
| ( ) Poesia/música          | ( ) De revistas                               |
| ( ) De livros de histórias | ( ) Dos livros da escola (português/ciências) |
| ( ) De jornais             | ( ) Outros: _____                             |

## ANEXO 02

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (UniCEUB)

CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10.

Este questionário visa colher informações, junto aos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, sobre a literatura infantil e o estímulo à leitura para a criança. Faz parte do trabalho de Conclusão do curso “Formação dos Professores das séries iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para conclusão da disciplina Monografia II.

As informações que você fornecer serão úteis para uma melhor compreensão do processo educativo. Não há respostas corretas ou incorretas. Somente suas importantes opiniões. Suas respostas serão tratadas com confidencialidade e não poderão ser atribuídas a você.

Muito obrigada pela contribuição.

Denise Porto da Silva

Ednólia Lima dos Santos

Elisângela Abreu de Sousa

Marta Lúcia de Lima

Unidade de Ensino: \_\_\_\_\_

Série que atua: \_\_\_\_\_ turno: \_\_\_\_\_ número de alunos: \_\_\_\_\_

Formação profissional: \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Idade:

Abaixo de 20 anos ( )      Entre 21 e 30 anos ( )      Entre 31 e 40 anos ( )

Entre 41 e 50 anos ( )      Entre 51 e 60 anos ( )      Acima de 60 anos ( )

1- Você lê freqüentemente?

( ) sim ( ) não

2- Como você considera a leitura em sua vida? (Marque o que for de maior importância para você)

( ) necessária para o crescimento pessoal.

( ) necessária para atualização profissional.

( ) necessária para atuação profissional.

( ) fonte de conhecimento.

( ) momento de descontração

( ) outros: \_\_\_\_\_

3- Como você vê a literatura infantil na vida escolar de seus alunos?

( ) momento de descontração

( ) fonte de informação

( ) forma de incentivo à leitura

( ) outros: \_\_\_\_\_

4- Que tipo de leitura que você mais utiliza com seus alunos em sala de aula?

( ) livro didático

( ) revistas em quadrinhos

( ) contos de fadas

- ☐ poesias e/ou músicas
- ☐ histórias infantis
- ☐ jornais e/ou revistas
- ☐ outros: \_\_\_\_\_

5- Você utiliza os contos de fadas em sala de aula?

- ☐ sim
- ☐ não

6- Com que frequência?

- ☐ diariamente
- ☐ às vezes
- ☐ nos momentos de recreação
- ☐ nunca
- ☐ Outros: \_\_\_\_\_

7- Como você percebe a reação de seus alunos diante dos livros de contos de fadas?

- ☐ interessados pela leitura
- ☐ pouco interesse pela leitura
- ☐ pouco interesse pela leitura, mas interessados pelos desenhos
- ☐ outros: \_\_\_\_\_

8- Como você vê o trabalho com contos de fadas no processo pedagógico?

- ☐ não utilizo
- ☐ bom instrumento pedagógico
- ☐ outros: \_\_\_\_\_

9- Você considera os contos de fadas um instrumento para formação da personalidade da criança?

- ☐ sim
- ☐ não

10- Você já fez algum curso sobre literatura infantil e como explorá-la em sala de aula?

- ☐ sim
- ☐ não

## INTRODUÇÃO

O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. Não há povo que não se orgulhe de suas histórias, tradições e lendas, pois são a expressão de sua cultura e devem ser preservadas. Os primeiros livros infantis foram escritos por pedagogos e professores com o objetivo de estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia.

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que precisam ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, deve-se favorecer o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizar o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente - condição “sine qua non” para a plena realidade do ser.

A literatura infantil torna-se, deste modo, imprescindível. Os professores dos primeiros anos do ensino fundamental devem trabalhar diariamente com a literatura pois esta se constitui em material indispensável, que aflora a criatividade infantil e desperta as veias artísticas da criança. Nessa faixa etária, os livros de literatura devem ser oferecidos às crianças, através de uma espécie de instrumento arraigado de sentimentos e emoções que favoreçam a proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão.

Portanto, este trabalho, além de nos proporcionar conhecimento teórico sobre o assunto, vem também com o intuito de despertar o professor no sentido de voltar seu olhar pedagógico para o rico material disponível nos acervos escolares.

**A literatura infantil e a importância da utilização dos contos de fadas no estímulo à leitura nas séries iniciais** tem a função de mostrar como é possível transformar o processo ensino-aprendizagem em um caminho agradável e proveitoso, transformando o ambiente de sala de aula em um cantinho mágico de aprendizagem por meio de atividades dinâmicas de leitura e mecanismos para reflexão em torno da formação de valores e hábitos de leitura.

A criança é acusada por não gostar de ler, mas esse estímulo deve-se aos adultos no lar com a família, que muitas vezes não lhe proporciona esse contato, que não lhe abrem essa e outras tantas trilhas maravilhosas, que é a caminhada pelo mundo mágico e encantado das letras. A escola tem o dever de reforçar o interesse pela leitura, proporcionando ao aluno contato com o texto e com o livro.

Poucas crianças têm hábito de ler em nosso país. A maioria tem o primeiro contato com a literatura apenas quando chega à escola. Ao trazer a literatura infantil para a sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a própria realidade.

Como sabedoras da importância da literatura infantil e dos contos de fadas nas séries iniciais, faz-se necessário proporcionar prazer, suscitar a imaginação, contribuir para uma relação frutiva entre o leitor infantil e o texto favorecendo a expressão das diversas emoções que as narrações provocam em quem as ouve.

Assim, torna-se relevante o incentivo à leitura por meio dos contos de fadas. pois, são eixos básicos nas séries iniciais para a formação do sujeito, interação com as outras pessoas, construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento e de sua personalidade.

É por meio da leitura que se amplia nos alunos a capacidade de comunicação e expressão e o acesso ao mundo letrado. Esta ampliação está relacionada ao desenvolvimento das capacidades lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever.

Neste sentido, este trabalho procura alcançar vários objetivos. No geral, Incentivar a busca pelo livro, possibilitando à criança usufruir o prazer da leitura, por meio da história, suscitando seu imaginário e tendo uma visão mais ampla de tudo o que a cerca, tornado - se mais reflexiva e crítica, sendo capaz de organizar seu pensamento frente à realidade social que vive e atua.

A pesquisa bibliográfica possibilitará conceituar e mostrar a origem da literatura infantil, refletir e analisar sobre a prática pedagógica acerca do papel da literatura, promover o incentivo à leitura na exploração dos contos de fadas.

Ao desenvolver a pesquisa de campo, onde o professor deverá responder questões sobre sua prática pedagógica com relação à literatura infantil e seu hábito de ler, será propiciado oportunidade de refletir sobre a necessidade de:

- promover o incentivo à leitura na exploração de contos de fadas;
- permitir à criança receber a literatura como ato de prazer e que os contos de fadas despertam no seu dia-a-dia;
- trabalhar os contos de fadas para o enriquecimento do trabalho em sala de aula;
- propiciar ao aluno oportunidade de narrar história da literatura infantil;
- formar bons leitores com o incentivo do estudo dos personagens;
- estabelecer uma ponte entre a realidade e a fantasia;
- apresentar os livros de maneira prazerosa a partir da exploração dos personagens;
- apresentar atividades que estimulem a imaginação e a criatividade;
- motivar a produção simbólica a partir da sensibilização, interesse espírito crítico;
- utilizar os contos de fadas na formação de valores e de bons hábitos futuros;
- resgatar a leitura dos contos de fadas como meio de aprendizagem;
- trabalhar as mensagens ocultas trazidas pelos personagens dos contos de fadas;
- contribuir para o surgimento do gosto à leitura;
- resgatar o lugar do livro como puro entretenimento e prazer;
- utilizar os contos de fadas como incentivo para a produção de textos;

A literatura infantil, principalmente os contos de fadas, é a forma mais prazerosa de incentivar o processo ensino-aprendizagem e desenvolver a personalidade da criança. O gosto pela leitura se constitui o primeiro passo no desempenho da competência de aprender a aprender.



## 1 HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Para melhor compreensão do tema, literatura infantil, faz-se necessário uma “viagem” a décadas anteriores lembrando alguns autores e/ou precursores, bem como suas obras que ficaram na história. Torna-se de grande relevância analisar também sua importância para o desenvolvimento da habilidade do ato de ler, levando-se em conta a riqueza de mensagens transmitidas em vários contextos de muitas obras.

Para Denize (2005) a célula máter da Literatura Infantil, hoje conhecida como “clássica”, encontra-se na Novelistica Popular Medieval que tem suas origens na Índia. Descobriu-se que desde essa época a palavra impôs-se ao homem como algo mágico, como um poder misterioso, que tanto poderia proteger, como ameaçar, construir ou destruir. São também, de caráter mágico ou fantasioso, as narrativas conhecidas, hoje, como literatura primordial. Nela foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, que se forjaram durante séculos antes de Cristo, e se difundiram por todo o mundo, através da tradição oral.

Segundo a autora, a Literatura Infantil apareceu durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico, que persistem até os dias atuais. Percebe-se que o aparecimento da Literatura Infantil tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela.

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Fábulas (do latim- fari - falar e do grego - Phao - contar algo) Narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. Nascida no Oriente, vai ser reinventada no Ocidente pelo grego Esopo (Séc. VI a.C.) e aperfeiçoada, séculos mais tarde, pelo escravo romano Fedro (Séc. I a.C.) que a enriqueceu estilisticamente. Entretanto, somente no século X, começaram a ser conhecidas as fábulas latinas de Fedro.

A autora afirma também que ao francês Jean La Fontaine (1621/1692) coube o mérito de dar a forma definitiva a uma das espécies literárias mais resistentes ao desgaste dos tempos: a fábula, introduzindo-a definitivamente na literatura ocidental. Embora escrevendo para adultos, La Fontaine tem sido leitura obrigatória para crianças de todo mundo.

Cita algumas fábulas de La Fontaine: “O Lobo e o Cordeiro”, “A Raposa e o Esquilo”, “Animais Enfermos da Peste”, “A Corte do Leão”, “O Leão e o Rato”, “O Pastor e o Rei”, “O Leão, o Lobo e a Raposa”, “O Leão Doente e a Raposa”, “A Corte e o Leão”, “Os Funerais da Leoa”, “A Leiteira e o Pote de Leite”. Afirma que para quem as inventa, a fábula é um jogo de raciocínio. Um jogo ágil e lógico, cujo resultado é um ensinamento.

Denize(2005) fala também dos contos de fadas e afirma que quem lê “Cinderela” não imagina que há registros de que essa história já era contada na China, durante o século IX d. C.. E, assim como tantas outras, tem-se perpetuado há milênios, atravessando toda a força e a perenidade do folclore dos povos, sobretudo, através da tradição oral.

Com relação às lendas (do latim *legenda/legen* - ler) nota-se que nas primeiras idades do mundo, os homens não escreviam. Conservavam suas lembranças na tradição oral. Onde a memória falhava, entrava a imaginação para supri-la e a imaginação era o que povoava de seres o seu mundo.

Todas as formas expressivas nasceram, certamente, a partir do momento em que o homem sentiu necessidade de procurar uma explicação qualquer para os fatos que aconteciam a seu redor: os sucessos de sua luta contra a natureza, os animais e as inclemências do meio ambiente, uma espécie de exorcismo para espantar os espíritos do mal e trazer para sua vida os atos dos espíritos do bem. A lenda, em especial as mitológicas, constitui o resumo do assombro e do temor do homem diante do mundo e uma explicação necessária das coisas. A lenda assim, não é mais do que o pensamento infantil da humanidade, em sua primeira etapa, refletindo o drama humano ante o outro, em que atuam os astros e meteoros, forças desencadeadas e ocultas.

A lenda é uma forma de narrativa antiquíssima, cujo argumento é tirado da tradição. Relato de acontecimentos, onde o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. Geralmente, a lenda está marcada por um profundo sentimento de fatalidade.

Este sentimento é importante, porque fixa a presença do Destino, aquilo contra o que não se pode lutar e demonstra, irrecusavelmente, o pensamento do homem dominado pela força do desconhecido. De origem muitas vezes anônima, a lenda é transmitida e conservada pela tradição oral.

A poesia, para Denize(2005), é o gênero poético que tem uma configuração distinta dos demais gêneros literários. Sua brevidade, aliada ao potencial simbólico apresentado, transforma a poesia em uma atraente e lúdica forma de contato com o texto literário.

Há poetas que quase brincam com as palavras, de modo a cativar as crianças que ouvem, ou lêem esse tipo de texto. Lidam com toda uma ludicidade verbal, sonora e musical, no jeito como vão juntando as palavras e acabam por tornar a leitura algo muito divertido.

Como recursos para despertar o interesse do pequeno leitor, os autores utilizam-se de rimas bem simples e que usem palavras do cotidiano infantil; um ritmo que apresente certa musicalidade ao texto; repetição, para fixação da idéias, e melhor compreensão dentre outros.

Charles Perrault (1628-1703), advogado e superintendente do rei da França, foi o primeiro autor a escrever especialmente para as crianças. Ao aposentar-se, Perrault transformou contos do folclore popular em histórias infantis. Os mais conhecidos são: “A Bela Adormecida”, “Barba Azul”, “O pequeno Polegar”, “O Gato de Botas”. Charles Perrault publicou em 1697 suas “Histoires ou contes du temps passé” conhecidas como as histórias de Mamãe Gansa, uma coletânea de oito contos.

Perrault é ainda considerado o Pai dos Contos de Fadas, mas isto é uma coisa que está mudando de figura ultimamente. Apesar de alguns teóricos ainda não aceitarem, o que o autor francês realizou não foi uma recolha de histórias da tradição, isenta de qualquer manipulação. Ao contrário, Perrault ajustou ao gosto e ao propósito da classe aristocrática, na época, a corte francesa. Embora seja o mais famoso “Pai”, muitas “Mães” o antecederam, entre elas, Mme. D’Aulnoy, Mme. Lubert, Mme. de Beaumont... que escreviam como divertimento, sem grandes pretensões literárias ou intelectuais; enfim, o termo “conto de fadas” tem sua origem nesta França de Luís XIV.

Tornaram-se também inesquecíveis os irmãos Grimm, Jacob(1785-1863) e Wilhelm (1786-1859). Eram alemães. Após a morte dos pais começaram a viajar a trabalho. As histórias que as pessoas contavam deram aos irmãos a idéia de escrevê-las. As mais famosas são: “Chapeuzinho Vermelho”, “Rapunzel” e “Branca de Neve e os Sete Anões”.

Denize(2005) trata também de Hans Christian Andersen (1805-1875). Ele viveu na Dinamarca e vinha de uma família muito pobre. Adorava as histórias contadas pelos homens que eram pobres e ficaram ricos. Escreveu cerca de 156 contos, traduzidos em mais de cem idiomas, como “A roupa nova do imperador”, “O patinho feio” e a “Pequena Sereia”.

Célebre poeta e romancista dinamarquês, Andersen nasce no mesmo ano em que Napoleão Bonaparte obtinha suas primeiras vitórias decisivas. Assim, desde menino, vai respirar a atmosfera de exaltação nacionalista. Andersen foi um escritor que se preocupou, essencialmente, com a sensibilidade exaltada pelo Romantismo.

Ao falar da história da literatura infantil, se torna imprescindível mencionar o advogado José Renato Monteiro Lobato (1882-1948). Nasceu no município de Taubaté, em São Paulo. Em 1911 herda as terras do Visconde de Tremembé, e descobre a velha estrutura rural do país. Assim nasceu o bem-humorado “Jeca Tatu”, símbolo do caipira brasileiro. Em 1920, Lobato elabora um conto infantil, “A história do peixinho que morreu afogado”, e em 1921, “Narizinho arrebitado”.

Estava dado o início para a criação de uma série de aventuras no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Assinava as histórias como José Bento Monteiro Lobato, JBML, que eram as iniciais gravadas na bengala que usava, herdada de seu pai.

A vasta produção de Lobato, na área de Literatura Infantil, engloba obras originais, adaptações e traduções. Dentre os originais estão: “A Menina do Nariz Arrebitado”; “O Saci”; “Fábulas do Marquês de Rabicó”; “Aventuras do Príncipe”; “Noivado de Narizinho”; “O Pó de Pirlimpimpim”; “Reinações de Narizinho”; “As Caçadas de Pedrinho”; “Emília no País da Gramática”; “Memórias da Emília”; “O Poço do Visconde”; “O Pica-pau Amarelo” e “A Chave do Tamanho”.

Nas adaptações, Lobato preocupou-se com um duplo objetivo: levar às crianças o conhecimento da tradição, o conhecimento do acervo herdado e que lhes caberá

transformar; e também questionar, com elas, as verdades feitas, os valores e não-valores que o tempo cristalizou e que cabe ao presente redescobrir e renovar. Nesse sentido, merecem destaque: “D. Quixote das Crianças”; “O Minotauro” e a mitologia grega na série.

Júlio Cesar de Melo e Souza (1895-1974), nasceu no Rio de Janeiro. Foi educador do Serviço Nacional de Assistência aos Menores e catedrático de matemática do Colégio PedroII e da Faculdade Nacional de Arquitetura. Ao adotar o pseudônimo de Malba Tahan, criou uma biografia: Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan nasceu na aldeia de Muzalit, próximo a antiga cidade de Meca... Popularizou a arte de contar histórias nas escolas. Ao todo são 115 obras entre livros didáticos de matemática e contos juvenis. “O Homem que Calculava” é um dos livros mais conhecidos.

Na literatura infantil as histórias em quadrinhos são tão válidas quanto os livros ilustrados. O interesse maior que os pequenos demonstram pelos livros ilustrados ou, ainda, pelas histórias em quadrinhos, está na facilidade com que esse tipo de literatura “fala” à mente infantil; ou melhor, atende diretamente à natureza ou necessidade específicas da criança. As imagens, atingem direta e plenamente o pensamento intuitivo que é característico da infância.

Daí o fascínio da meninada pelas histórias em quadrinhos não resulte apenas no fato de gostarem desse tipo de literatura “fácil”, mas porque essa literatura corresponde a um processo de comunicação que atende mais facilmente à sua própria predisposição psicológica. A história em quadrinhos, atacada por uns e defendida por outros, vem se firmando cada vez mais na indústria cultural contemporânea. No Brasil, embora ainda não haja uma produção de histórias em quadrinhos que represente o nacional, já existe uma certa tradição: o primeiro jornal em quadrinhos, dedicado às crianças – o famoso O Tico-Tico – começou a ser publicado em 1905. Cresce de importância o terreno conquistado pela arte dos quadrinhos e principalmente o de Maurício de Souza. Ele é hoje o único desenhista que vive de quadrinhos, os outros são publicitários, ilustradores, professores além de desenhistas de quadrinhos.

Qualquer que seja a forma de expressão – Mitos, Estórias, Contos, Poesias- a literatura é uma das mais nobres conquistas da humanidade: a conquista do próprio homem! É conhecer, transmitir e comunicar a aventura de ser!

## 1.1 Desenvolvimento da literatura infantil no Brasil

Sabe-se que até fins do século XIX a literatura destinada a crianças e a jovens era destinada apenas à elite brasileira e constituindo-se principalmente de traduções feitas em Portugal. Afirma (SANDRONI, apud SERRA, 1998) que não havia no Brasil editoras e os autores brasileiros tinham seus textos impressos na Europa até o primeiro decênio do século XX. Época em que aparece a primeira etapa de literatura escolar preparadas e impressas em Portugal.

Nessa época tais obras não tiveram o devido valor. Apenas as edições Garnier tiveram destaque contribuindo decisivamente para o desenvolvimento cultural do nosso povo. Em 1915, quando já caracterizado uma fase de transição, a editora Melhoramentos encarrega Arnaldo Oliveira Barreto da organização de uma “Biblioteca Infantil” que se inicia com *O patinho feio*, de Andersen.

Em 1921, com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária da produção brasileira destinada a criança e jovem. Para a autora (SANDRONI, apud SERRA, 1998) sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que precederam, já que é quase toda permeada do ânimo de debates sobre temas públicos contemporâneo ou históricos. Seu conteúdo era problematizado de modo a ser compreendido por crianças e expressa uma linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro antecipatória do Modernismo.

Por meio de uma linguagem simples e clara, Lobato leva seus pequenos leitores a adquirirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. Ele desmistifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaura, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre realidade e fantasia, que ela pode ser agente de transformação.

Além desses aspectos, Lobato foi o primeiro a fazer do folclore tema sempre presente em suas histórias através das personagens do Sítio, com Tia Anastácia e Tio

Barnabé. A primeira, é ponte de ligação entre o mundo racional representado por Dona Benta, e as superstições e as crendices próprias das populações analfabetas; o segundo, conhecedor dos mistérios, dos mitos que habitam o folclore.

Outra das grandes inovações de Lobato é a de trazer para o universo da criança os grandes problemas, até então, considerados como parte exclusiva do mundo adulto. Ele também acreditava profundamente na democracia como forma de governo e no *Sítio do Picapau Amarelo* esse tema é abordado com clareza. O contexto histórico e social de seu tempo era evidenciado em seu texto.

A autora afirma que Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão. Leva-as à reflexão usando meios como o humor, a ironia e a crítica. Ele tinha um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças. A partir dele, no Brasil, a literatura infantil perde uma de suas principais características, a de ser um instrumento de dominação do adulto e de uma classe e passa a ser fonte de reflexão, de questionamentos e de crítica.

Além da obra de Lobato que permaneceu, destacam-se alguns autores que souberam manter sua originalidade e escreveram livros que, até hoje, permanecem nos catálogos das editoras enquanto os demais foram rapidamente esquecidos. Entre os primeiros encontram-se Menotti Del Picchia, Malba Tahan, José Lins do Rego, Viriato Correia, Érico Veríssimo, Vicente Guimarães, Ofélia e Narbal Fontes, Francisco Marins, Orígenes Lessa, Lúcia Machado de Almeida e Maria José Dupré.

Ainda, conforme (SANDRONI, apud SERRA, 1998) a partir dos anos 70 novas modificações aparecem para atender ao crescimento do público leitor provocado pela lei da reforma do ensino que obriga a adoção de livros de autor brasileiro nas escolas de 1º grau. Estando a literatura infantil ligada ao sistema de ensino, põe em risco a leitura como fonte de prazer e de fruição. Mas, ao contrário, propiciou um clima favorável ao aparecimento de autores que voltando às raízes lobateanas, vêm produzindo obras que, sem perder de vista o lúdico, o imaginário, o humor, a linguagem inovadora e a poética, tematizam os atuais problemas brasileiros levando o pequeno leitor à reflexão e à crítica.

Entre outros, Ziraldo, Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos Queirós, Ruth rocha, Vinícius de Moraes, Mário Quintana, enriqueceram a literatura infantil brasileira procurando ressaltar características marcantes das obras de Lobato como: o humor, a fantasia, a ironia, a crítica.

Já na década de 80 o grande marco da literatura infantil, na visão de (BRANDÃO, apud SERRA, 1998), acontece por duas vias em diálogo: produção e reflexão. A produção de livros infantis cresce vertiginosamente e consolida-se em termos de mercado editorial, em quantidade e também em qualidade de propostas em ficção, poesia e livro de imagem.

De 1980 a 1985 são publicados inúmeros títulos de literatura infantil, apresentando uma grande diversidade de autores e de propostas e poucos títulos juvenis. Um bom número de autores se consolidam no mercado, como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Joel Rufino dos Santos, Sylvia Orthof, Maria Heloisa Penteado, Ziraldo e Elvira Vigna, por exemplo. De 1985 a 1990 emergem também nesse campo outros autores conhecidos como: Luiz Galdino, Lygia Bojunga Nunes, Terezinha Éboli.

Várias editoras nessa época apresentaram também um trabalho inovador como a Miguilim e vigília em Belo Horizonte; memórias Futuras, Agir, José Olympio, Nova Fronteira, Berlendis & Vertecchia e Salamandra, no Rio de Janeiro; Melhoramentos e Epopéia, em São Paulo; Mercado Aberto e L&PM, em Porto Alegre. Para (BRANDÃO, apud SERRA, 1998), não resta dúvida que todas essas editoras têm hoje o privilégio de dizer que foram as primeiras a abrir as portas ao trabalho inovador de diversos escritores e ilustradores que estão até hoje no mercado de livros infantis e juvenis.

Para a autora, um campo muito interessante de atuação das editoras nessa década foram as traduções. Talvez essa conscientização de um trabalho mais profissional nessa área seja resultado das inúmeras discussões trazidas pelo livro de Bettelheim, *A psicanálise dos contos de fadas*, e o de Franz, *A interpretação dos contos de fadas*, sobre a importância de contar os contos de fadas nas suas versões originais, como também pela exposição comemorativa de 200 anos dos Irmãos Grimm em 1984, que resultou inclusive na difusão do contar histórias nas mais diferentes instituições culturais, livrarias, escolas e creches nos grandes centros urbanos.



Enfim, o grande *boom* da literatura infantil que começou na década de 70, que possibilitou um enxame de livros e autores publicados sem que houvesse reflexão sobre o que se publicava, por quê e para quê, foi chamado pelo pedagogo Paulo Freire como a era do espontaneísmo em seu livro *Ação cultural para a liberdade*. Esse espontaneísmo favoreceu abertura de espaço para os a expressão dos alunos de forma assistemática, fugindo do autoritarismo. Também se refletiu no mercado de livros infantis e juvenis, inclusive porque essa produção entra de sola na indústria cultural, tornando-se produto de leitura de entretenimento nas escolas.

Nos anos 80 percebe-se, segundo Brandão, que os profissionais da área começam a sentir necessidade de refletir sobre o papel da literatura infantil e juvenil, apontando caminhos e começando a detectar tendências, o que vai ajudar a esboçar possíveis diretrizes.

Paralelamente a essas preocupações com análise de textos, de análise crítica sobre a produção e de tecer arcabouços teóricos que dessem conta do objeto literatura infantil e juvenil, vivíamos no país a abertura política, após 20 anos de regime político militar,. Isso significa que a opinião própria e a reflexão começam a ser exercitadas. Primeiro de forma muito melindrada, e, depois de algum tempo, passam a ser aceitas, valorizadas e conseqüentemente ouvidas. Foi um tempo em que a barreira do medo de opinar começa a ceder e dar lugar a diversidade de opiniões e de posicionamento. E o pensar, o dizer, o refletir, o concordar e o discordar passa a ser exercício de construção do conhecimento, fazendo dos anos 80 um tempo de amadurecimento de idéias e de posicionamentos sobre a literatura, a política democrática que se iniciava e a sociedade em seus acertos e desacertos.( SERRA, 1998, p.51),

Entre os teóricos que refletiam sobre a questão temos o professor Edemir Perrotti, que faz a distinção fundamental entre texto utilitário e estético em *O texto sedutor na literatura infantil*. Ele diz ser o texto utilitário aquele que apresenta objetivos pedagógicos de ensinamento, útil aos propósitos imediatistas na sala de aula. Ou seja, se você quer que seu filho não fique na rua até tarde, dá pra ele ler a história de um gato que se perde dos pais e sofre muito, tendo aprendido através da leitura o quanto é perigoso ficar longe de casa, em uma visão emprobecedora sobre a fundamental questão da liberdade.

Já o texto estético tem o compromisso com a arte, onde o autor apropria-se do imaginário através de uma linguagem de elaboração literária incontestável, de conteúdo imaginativo no tratar de questões pertinentes ao universo da infância ou da adolescência.

São textos que respeitam a infância e a adolescência como fases de transformação, onde esses seres possam se sentir aptos a modificar a realidade dada e a atingir uma nova realidade conquistada.

Nos anos 90, o grande marco na literatura infantil e juvenil foi a possibilidade mais ampla de usufruto da biblioteca. Biblioteca, que segundo Lacerda (SERRA, 1998, p.65) foi o sonho que “Lobato acreditou e construiu – é também o reconhecimento de que a literatura aí presente é literatura – e pronto”.

## 2 O CONTO NA LITERATURA INFANTIL

É preciso não esquecer e não ignorar que em todos esses contos, por mais fantásticos que sejam, há sempre elementos da realidade, apresentada sob novos e imaginosos aspectos: as Fadas e os Gênios são irreais, porém as qualidades que lhes são emprestadas e discutidas são humanas; os animais não falam, porém o que se diz deles é tradução de atitudes e linguagens. São símbolos ou situações reais, dentro de um irrealismo estético-recreativo. (CARVALHO, 1985, p. 56)

O conto infantil, além de seu maior atrativo que é o aspecto literário-recreativo, tem para a criança o valor psicológico e educativo. Ele traz nas entrelinhas mensagens com objetivos de socializar, recrear, formar, informar, educar a atenção, enriquecer a linguagem, estimular a imaginação e a inteligência, despertar emoções, desenvolver o sentimento de compreensão e a simpatia humana, formar o hábito pela leitura, sobretudo ensinar a ouvir. No aspecto psicológico ajuda a resolver conflitos emocionais e as diferenças individuais.

Como afirma Carvalho, 1985, no trecho acima, embora os contos vêm recheados de magia e natureza sobrenatural, seu interior oferece ao educador uma fonte inesgotável de situações que propicia a reflexão, e conduz a criança a adequar atitudes e comportamentos até então não apropriados.

Para Bencine(2005) é fácil reconhecer um conto de fadas. Animais que falam, fadas, madrinhinhas, reis e rainhas não podem faltar, assim como a introdução “era uma vez”. As narrativas se passam em um lugar distante – “muito longe daqui” – e têm personagens com nomes comuns ou apelidos, como João e Chapeuzinho vermelho. Afirma que esses elementos facilitam a memorização e tornam a narrativa apropriada à oralidade. “No conto maravilhoso, o leitor é transportado para um mundo onde tudo é possível: tapetes que voam e galinhas que põem ovos de ouro. Essa é a magia da fantasia”, explica Lílian Mangeron Corneta Rotta (Apud, BENCINE, 2005) mestre em literatura pela Universidade Estadual Paulista.

Os gênios e os gigantes são entidades encantadas, que ora representam o bem, ora representam o mal. São a imagem do homem que possibilitam a viagem ao imaginário e ao mesmo tempo faz com que o leitor se coloque no lugar do outro favorecendo a reflexão sobre seu “eu”. Daí a interiorização de valores sociais tão escasso em nossos dias.

Vê-se se no conto um rico material didático dentro da literatura infantil, que merece atenção especial por parte de educadores. Sua importância é descrita com minuciosidade na obra de Bárbara Vasconcelos(1985). O mundo maravilhoso do conto de fadas para a autora têm em seus personagens significação simbólica de grande riqueza, que representa o inconsciente humano. Por exemplo: a figura tradicional do velho rei significa o “inconsciente coletivo”; o príncipe representa o “consciente-positivo”; a princesa representa o “inconsciente passivo-negativo”.

A fada - do latim *fata* , que veio significar “dona ou deusa do destino”, aquela que brilha”. Símbolo da bondade, a graça, a beleza, se eternizou e continua viva nos contos maravilhosos. Em oposição à fada encontra-se a bruxa – do latim *bruchu* que significa “gafanhoto de asas”. É o símbolo da maldade humana, tão importante quanto as forças do Bem, para avaliação do equilíbrio destas.

Fada e Bruxa são representações simbólicas do Bem e o Mal. Veículos da bondade e da maldade, do certo e do errado, da felicidade e da desgraça, elas vão tecendo a trama dos destinos, comentando e questionando valores, dramatizando a própria vida, para concluir a mensagem, pela qual elas também são responsáveis.

As histórias e dramatizações, onde essas forças antagônicas medem suas possibilidades, terminam sempre, logicamente, com o triunfo do Bem. Essa proposição maniqueísta, realizada pelas Fadas e pelas Bruxas, encontrou seu clima na época barroca, e fez carreira na Literatura Infantil. (CARVALHO, 1985; p.61)

Segundo a autora, para os psicanalistas ou à luz da psicanálise, a varinha mágica é um símbolo de “falo” – certamente o mais poético dos seus símbolos, cuja origem vem dos prodigiosos bastões, que acompanharam a vida dos deuses e dos homens, desde as suas origens. Um mito, carregando sabedoria e mistério. Ele é parte do “lenho”, que se tornou sagrado desde o dia em que Jesus foi crucificado em um “madeiro”.

Filha dos prodigiosos bastões ou bengalas, arma e insígnia, que em sua carreira milenar, foram instrumentos de poder e revelação, de misticismos e magia, a varinha mágica, manipulada pelas fadas, adentrou-se no mundo maravilhoso, assumiu novos poderes de encantamento e encontrou sua dimensão poética.

Outro instrumento mágico nos contos de fadas e de alta significação na Psicanálise é o espelho. Um dos mais importantes veículos de operações mágicas, hoje substituído pelas operações tecnológicas, na fantástica realidade da televisão.

Na mitologia do inconsciente humano está ainda o tapete mágico, o brinquedo mais antigo do homem, que se inicia com Ícaro, para projetar seu desejo de voar. Para Von Franz(2003) o tapete era desconhecido na civilização européia, até seu contato com o Oriente. As tribos nômades árabes, ainda hoje famosas pela confecção de tapetes, dizem que os tapetes que usam nas suas tendas representam a continuidade da terra, e que são necessários para manter o sentimento da continuidade do solo sob seus pés. Representam também proteção das influências malignas do solo estranho.

Enfim, para Coelho(2003), reis, rainhas, princesas, príncipes, fadas, bruxas, maternidades falhadas ou concepções mágicas, heróis desafiados por grandes perigos para conquistas de seu ideal, objetos mágicos, duendes, anões, tesouros ocultos, dragões, gigantes, provas iniciáticas são, em essência, arquétipos<sup>1</sup> ou símbolos engendrados pelos mitos de origem. São formas de comportamentos humanos, situações, desígnios, forças malignas ou benignas a serem enfrentadas na Aventura Terrestre a ser vivida pelo seres humanos, isto é, cada um de nós. A linguagem simbólica é pois, a mediadora entre o espaço imaginário(do inconsciente, do Mistério, do Enigma...) e o espaço real em que a nossa vida se cumpre.

## **2.1 Os contos de fadas na formação da personalidade**

Como já se sabe, as histórias infantis e os contos populares existem desde que o ser humano adquiriu a fala. Há notícias de histórias antigas na África, na Índia, na China, no Japão e no Oriente Médio. Segundo Kátia Conton (Apud BENCINE,2005), especialista em contos de fadas pela Universidade de Nova York, a fantasia é um mecanismo inventado pelo homem na era medieval para superar as dificuldades da vida real. Sabe-se também,

---

<sup>1</sup> Segundo Jung(Apud, COELHO, 2003) arquétipos correspondem a modelos de pensamentos e ação, preexistentes na alma humana(“inconsciente coletivo”)

que com o tempo, a simbologia inerente aos contos de fadas ou “maravilhosos” foi investigada como expressão espontânea de processos psíquicos inconscientes, cujo sentido original ter-se-ia perdido com o tempo e com as sucessivas migrações.

Algumas histórias tratam de temas que fazem parte da tradição de muitos povos e apresentam soluções para problemas universais. É o caso de pequeno polegar, segundo Bencine(2005). O personagem representa o desejo de vingança do mais fraco contra o mais forte. Os pequenos se identificam como os heróis e experimentam diversas emoções como o medo, o ódio...

Para a escritora Ana Maria Machado(Apud BENCINE, 2005), os contos de fadas pertencem ao gênero literário mais rico do imaginário popular. Afirma que “essas histórias funcionam como válvulas de escape e permitem que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, saindo mais feliz dessa experiência.”

Essa idéia foi difundida após divulgação dos estudos do psicólogo austríaco Bruno Bettelheim(1903-1990). Para ele, nenhum tipo de leitura é tão enriquecedor e satisfatório do que os contos de fadas, pois eles ensinam sobre os problemas interiores dos seres humanos e apresentam soluções em qualquer sociedade. Ou seja, a fantasia ajuda a formar personalidade e por isso não pode faltar na educação. A criança amplia seus conhecimentos sobre o mundo e transfere para os personagens seus principais dramas.

Na linha psicanalítica não se deve deixar de analisar os estudos de Freud – fundador da psicanálise, Wundt – antropólogo e Jung – pesquisador sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos, sobre a ótica de Coelho(2003).

Sigmundo Freud, pai da psicanálise, identificou a criação artística (mitos, poesia, contos maravilhosos, pintura etc.) como os sonhos, na medida em que, segundo ele, no plano imaginário, ambos os fenômenos expressam a satisfação de desejos inconscientes que estão em conflito com forças repressivas.

Nos anos de 1910, Freud publica duas breves análises psicanalíticas sobre possíveis influências da leitura de contos de fadas na psique do leitor – *A Ocorrência nos Sonhos de Assuntos de Contos de Fadas e O Tema dos Três Cofres*- e escreve a famosa *História de uma Neurose Infantil*, na qual os contos *Chapeuzinho Vermelho e O Lobo e as Sete Crianças* desempenham papel importante.

Para Coelho(2003), as análises freudianas, feitas por Freud ou seus seguidores, aplicam-se a interpretar a possível influência de sua simbologia ou memória nos pacientes psiquicamente perturbados e não a interpretar a matéria narrativa maravilhosa. obviamente, sendo os contos de fadas ou maravilhosos criações coletivas, não poderiam interessar aos freudianos como campo de pesquisa, pois a estes só o individual interessa. Daí a razão da maior repercussão das análises de natureza psíquica tenha dado na linha junguiana, a que se volta para o psiquismo coletivo.

A autora nos relata também sobre Wundt, contemporâneo de Freud, que desenvolvendo a intuição inicial dos Grimm, encaminha os estudos das relações entre os contos e mitos no sentido de provar que estes últimos teriam surgido da fantasia coletiva e não da criança individual.

Além disso, Wundt inverte a direção das influências: afirma que os mitos teriam surgido de certos contos, inventados para divertir ou para espantar o medo dos homens em face do mundo natural e que, com o tempo, foram levados a sério, transformando-se em mitos. Dando a prioridade à natureza psíquica dos assuntos, Wundt estabelece a seguinte divisão dos contos populares: contos-fábulas mitológicos, contos maravilhosos puros, contos-fábulas biológicos, fábulas puras de animais, contos “origens”, fábulas ou contos jocosos e fábulas morais.

Sabe-se que apesar da amplitude de suas pesquisas e da influência que exerceu em sua época, Wundt foi muito contestado, e seus estudos acabaram marginalizados, em razão da ambigüidade que lhes é inerente. De qualquer forma, sua intuição, ampliando a dos Irmãos Grimm, permaneceu e foi encontrar sua mais brilhante interpretação na teoria psicanalítica de Carl Gustav Jung.

A mais recente linha de pesquisa – iniciada nos anos de 1930 e ainda bem pouco explorada – sobre mitos e contos de fadas toma o caminho proposto por Carl G. Jung, a partir de seus conceitos de inconsciente coletivo e de arquétipos. Segundo ele:

Os contos de fadas, do mesmo modo que os sonhos, são representações de acontecimentos psíquicos. Mas, enquanto os sonhos apresentam-se sobrecarregados de fatores de natureza pessoal, os contos de fadas encenam os dramas da alma com materiais pertencentes em comum a todos os homens. (apud. N. SILVEIRA. 1981 – p. 119).

Conforme já foi dito, Jung ultrapassa os limites individuais estabelecidos por Freud, representando a psique como um vasto oceano (o inconsciente), do qual emerge uma pequena ilha (o consciente). Por sua vez, o amplo espaço do inconsciente diferencia-se em dois níveis ou camadas: o pessoal: o pessoal (mais superficial e cujas fronteiras com o consciente são muito imprecisas) e o coletivo (corresponde às camadas mais profundas do ser, ou melhor, aos fundamentos estruturais da psique, comuns a todos os homens).

É nesse imenso e misterioso amálgama de forças e impulsos ancestrais que Jung aponta as raízes da simbologia presente nos mitos e contos de fadas e também a ele atribui não só a identidade de motivos que aparece nesses mitos e contos populares em todas as regiões do mundo, mas igualmente o fascínio que eles têm exercido sobre os homens de todos os tempos. Como registra em seu livro *Aion* (1950):

Mitos e contos de fadas dão expressão e processos inconscientes, e ao escutá-los permitimos que esses processos revivam e tornem-se atuantes, restabelecendo, assim, a conexão entre consciente e inconsciente. (Apud COELHO, 2003, p.116)

Da existência desse fundo psíquico comum e inconsciente é que surgem os arquétipos, “matrizes arcaicas” que dão forma a impulsos psíquicos comuns a todos os homens, ou ainda “imagens”, as quais dão formas similares a vivências típicas - emoções, fantasias, medos etc. suscitadas por fenômenos da natureza ou por experiências existenciais decisivas - com a mãe, com as relações homem-mulher, com o confronto de forças desiguais ou injustas etc.

Para Jung

os contos de fadas têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns à psique de todos os humanos. Pertencem ao mundo arquetípico. Por isto seus temas reaparecem de maneira tão evidente e pura nos países os mais distantes, em épocas as mais diferentes, com um mínimo de variações. Este é o motivo por que os contos de fadas interessam à Psicologia Analítica. (N. SILVEIRA. 1981 – p. 119)

No entanto, para além do interesse que eles possam ter para a Psicologia Analítica, há que despertar na área da Pedagogia e da Didática, hoje empenhadas na descoberta de novos caminhos para a orientação das crianças e dos jovens. Urge encontramos outro sentido para a vida... Sem dúvida, um dos caminhos para achá-los estará em redescobrir os contos de fadas e, por meios deles, descobrir o significado mais profundo de certa literatura que o nosso século vem criando para os adultos e as crianças...



Entre as análises da matéria arquetípica encontrada nos contos de fadas - realizadas por Jung e por sua maior discípula, Marie-Louise Von Franz, ressalta a ligada à realização da alma humana, em busca de seu centro, sua unidade (self). Daí que as personagens, as situações ou os conflitos que provocam a efabulação, as peripécias, os desenlaces etc. correspondam a imagens, ou melhor, ao processo da busca da unidade interior. Reis, rainhas, príncipes, fadas, bruxas, duendes, objetos mágicos, profecias, obstáculos, ameaças, auxiliares, provas quase impossíveis de serem vencidas são símbolos de situações arquetípicas: vivências éticas, sociais, existenciais etc. que vêm sendo revividas desde a origem dos tempos, sob diferentes formas, em virtudes dos desejos de autorealização do *eu* em relação ao outro (ao mundo) que impulsiona o ser humano.

Marie-Louise Von Franz, em suas numerosas análises de contos de fadas, principalmente germânicos, escandinavos e eslavos, dá abundantes exemplos de situações arquetípicas. Relacioná-las em uma ordem nacional e corrente é tarefa das mais difíceis, pois, como ela mesma define “cada arquétipo é um sistema energético relativamente fechado, uma espécie de veia energética pela qual correm todos os aspectos do inconsciente coletivo”. (Franz, M. L. von. 1981- p. 17)

Como afirma Coelho(2003) é simplesmente fascinante o caminhar em meio e essa floresta de arquétipos que são contos de fadas e descobrir os mil e um significados do rei, de heróis, princesas, sapos e rãs encantados, cabelos, anéis, concepções mágicas etc. Mas não podemos esquecer que na vida real não existem fadas nem madrinhas que venham realizar por magia aquilo que não temos vontade de fazer. Há, na vida, um trabalho a ser realizado, uma luta a ser empreendida por todos nós.

E, nesse sentido, a literatura cumpre um papel. Pela *imaginação*, varinha de condão capaz de revelar o homem a si mesmo, a literatura vai-lhe desvendando mundos que enriquecem o seu viver. O objetivo último da literatura é a *experiência humana*, o convívio com ela. Assim, a literatura ajuda o homem a resolver uma das questões psicológicas mais importantes da vida: a determinação do próprio ser.

## 2.2 Os Contos de Fadas como instrumentos pedagógicos

É visto, hoje, um contexto educacional de grande diversidade em sala de aula que requer do professor grande esforço no sentido de despertar e manter o interesse dos alunos. Também o grande número de atrativos eletrônicos faz com a motivação pelas aulas estejam em declínio, dificultando o trabalho do educador diante de turmas com número excessivo de alunos. Mais que nunca faz-se necessário instrumentos que atendam a essas exigências. O conto de fadas tem demonstrado atender a essa demanda.

Sabe-se que para um processo ensino aprendizagem eficaz, é de fundamental importância uma boa relação professor/aluno. Afirma Lima(2005) que fala-se tanto nos “Quatro Pilares da Educação” (UNESCO), nos “Sete saberes necessários à educação do futuro”(Edgar Morin) , nas “Sete Competências Básicas que Devem ser Desenvolvidas nos Alunos” (Bernardo Toro), “10 Novas Competências Para Ensinar (Philippe Perrenoud), “Seis Propostas para o Próximo Milênio”(Ítalo Calvino), nas Inteligências Múltiplas (Howard Gardner) etc. que, por vezes, esquece-se da conta básica: a soma do encontro –  $1+1 = \text{professor} + \text{aluno} = \text{relação que o aluno anseia viver com seu mestre}$  e a soma da verdade –  $1+20, 1+30 \text{ ou } 1+40 = \text{professor} + \text{seus alunos}$ , que preocupa tantos docentes.

Os **Contos de Fadas**, quando bem trabalhados, são utensílios de grande valor e eficácia para esse fim, pois, lidam com algo da ordem do imprevisto e do imprevisto e sugerem “intervenções” construídas na Relação – uma possibilidade no ambiente pedagógico e psicopedagógico.

Ao refletir sobre o conto o professor propicia ao aluno oportunidade de falar sobre seus problemas. Ao intervir, os “laços” afetivos se estreitarão, criando um ambiente rico para melhorar as relações interpessoais e proporcionar o diálogo.

É visto também, um outro grande problema: ao lidar com a diversidade encontra-se no contexto da sala de aula alunos que buscam constantemente o computador e estão a mercê da violência criada principalmente pelos jogos eletrônicos. A criança em seu convívio familiar encontra-se sozinha. Pais trabalham horário integral para manter financeiramente a família, deixando a educação dos filhos a cargo da escola. O tempo dos

filhos se restringem ao computador, na certeza de que assim estarão “seguros” em casa. O tempo em que tinham para ouvir/contar histórias não existe mais.

Neste início de século, na perspectiva de Coelho(2003), estamos entrando em uma nova fase. Após um período em que a *imagem* difundia pelos multimídias (TV, cinema, revistas de quadrinhos, publicidades...) parecia destinada a substituir definitivamente não só a *palavra literária*, mas o próprio *livro* como mediador nas relações humanas, a tendência agora é procurar a *conciliação* entre duas, pois ambas as manifestações estão sendo descobertas como essenciais à formação e evolução cultural do ser humano, na sociedade letrada que caracteriza o mundo ocidental. Nesse sentido, não podemos esquecer que toda imagem “legível” necessita de um pensamento ou uma idéia a sustentá-la, explicá-la... e não há expressão de pensamento ou idéias sem palavras, sem texto.

Embora tal “conciliação” não seja ponto pacífico para todos (pois há muitos que continuam a minimizar a literatura e cultura escrita em geral), já não se pode negar que uma das palavras de ordem dos últimos tempos é a valorização da leitura como um dos fenômenos mais importantes no processo da Educação e, ao mesmo tempo, dos mais complexos da pedagogia moderna ou dos meios de comunicação de massa. Como consequência, alguns dos pontos críticos dos debates, na área literatura/ escola, tem sido os problemas ligados às relações entre o leitor e literatura.(COELHO, 2003, p. 123)

Para a autora acima citada as concordâncias e discordâncias nessa área são numerosas, mas registra apenas algumas concordâncias:

1. Literatura e leitura são entendidas como agentes formadores não apenas de leitores, mas especialmente da consciência de mundo que levava cada *eu* a se descobrir em relação ao *outro*, como parte integrante/ responsável do/ pelo meio em que vive.
2. A Autoconsciência eu-outro, dada pela vivência da literatura (por meio de leituras adequadas ao nível de percepção do leitor), resultaria na formação da consciência crítica indispensáveis aos seres pensantes.
3. A *consciência critica*, por sua vez, deve atuar como uma *força de resistência* à desagregação ou fragmentação interior do sujeito, provocada pela avalanche de informações que caem sobre ele incessantemente, engendradas pela multimídias, porta-vozes da “lei do mercado” que governa o mundo globalizado.
4. O Conhecimento é resultado de informações organizadas: e hoje essa “organização” esta a cargo de cada individuo, pois além do “sistema de consumo e lucro” não há

nenhum outro que seja valido para todos os indivíduos, uma vez que vivemos em plena era do Relativismo e da Incerteza.

5. Nessa ordem de idéias, cresce a importância da palavra, como nomeadora/fundadora Real. “ O que não é nomeado não existe” (Lucan), fenômeno que reforça a urgência de o Ensino ser reestruturado, para que, por meio da palavra-em-situação (a que registra experiência de vida), crianças e jovens sejam preparados para reordenar o mundo (o novo Real) num amanhã próximo ou longínquo.
6. por fim, e o mais importante, o Professor deve se preparar para ser um bom leitor (ou um grande leitor, se pretende ser um educador e saber incentivar os alunos no exercício da leitura em seus diferentes níveis: lúdica ou atenta, horizontal (restrita a estória), vertical (atingindo o tema ou a problemática), analítica etc.

Percebe-se então que a busca do saber é de grande importância em nosso contexto atual. Só essa busca de conhecimento ou da sabedoria permitirão ao ser humano alcançar plena realização existencial. E “aprender a buscar conhecimento” se dá no início da escolarização, com instrumentos que desperte o aluno pela leitura. Dentre eles, o mais interessante, os contos de fadas.

As crianças são mergulhadas no maravilhoso mundo dos conto de fadas desde muito pequenas, antes de entrarem para a escola. Através deles, antes de se iniciarem no universo da palavra escrita, as crianças desfrutam da liberdade típica da língua oral, onde uma mesma história pode ser recontada de diversas formas, ao sabor do momento(MEC, 1996, p.47)

Segundo o documento(ibid), o conto de fadas é um gênero literário, uma forma especial de se narrar histórias, nas quais certos elementos se mantêm: acontecem num lugar distante, sem nome, obviamente imaginário, são contados por um narrador anônimo que jamais se apresenta ao leitor, seus protagonistas são heróis e vilões claramente caracterizado (uma linda princesa, uma terrível bruxa, um valente camponês) e terminam, a maior parte das vezes, com finais felizes.

Assim sendo, estas histórias parecem simples e até previsíveis. Embora não sendo bem assim, um conto bem narrado e ilustrado, não há aquele que não desperte o interesse e nem quem não se emocione ao ouvi-los. Isto, porque trata-se de um universo de constante metamorfose onde o jogo das aparências, do tempo linear, da verdade abertamente declarada formam textos cheios de surpresas e sutilezas, na perspectiva do MEC(1996).

Quando a criança é alfabetizada, muitas vezes o professor se pergunta: *E agora? O que será que posso oferecer a eles? Afinal, já passaram da idade do conto de fadas!* na verdade o professor comete um equívoco porque não existe verdadeiramente uma idade *certa* para ler um conto de fadas ou outro tipo de narrativa. O bom livro não é um sapato velho que, quando o pé cresce, é posto de lado. Uma história bem contada pode e deve ser relida ao longo de toda vida.(MEC, 1996, p.48)

Há de se afirmar isso analisando as histórias de Monteiro Lobato. Crianças, adolescentes e adultos ouvem as histórias e assistem aos programas de TV com grande interesse e curiosidade pelo próximo capítulo. É um universo criado em um espaço tão “atemporal” como qualquer floresta encantada. Tudo pode acontecer ali. A imaginação se amplia naquelas terras mágicas. A boneca fala, a espiga de milho se transforma em gente, todas as viagens são possíveis e o tempo às vezes para de existir.

Para MEC(1996) quando as histórias rompem com o final feliz, deixando claro ao seu leitor que tudo pode realmente acontecer, inclusive um final desastroso para os protagonista das aventuras, estamos diante de uma obra de literatura fantástica. Intimamente ligada ao gênero contos de fadas, ela descreve histórias nas quais o mundo familiar é invadido por um mundo incompreensível e misterioso, movido por regras que os heróis terão que decifrar e cujo código parece sempre lhes escapar.

Segundo o autor, desse ponto de vista a literatura nasce de um jogo com o leitor, um jogo no qual quem lê precisa acreditar que o texto contém uma verdade, precisa fazer de conta que aquela história poderia ter acontecido e emocionar-se com o destino de cada personagem. Dentro desse jogo, cada gênero oferece um sabor, uma experiência diferente de leitura que não deve ser catalogada e discriminada segundo critérios rígidos.

Por isso, conforme o MEC o professor deve ter cuidado de permitir que seus alunos exercitem-se na descoberta da leitura e possam propor suas obras preferidas aos colegas, mesmo que sua escolha contrarie o gosto do próprio professor, não se deixando intimidar pela escolha de seus alunos ou pela rejeição de uma determinada obra. Aliás, ao contrário do provérbio, em sala de aula, o gosto se discute e muito. Uma obra polêmica pode gerar longas conversas sobre o que os alunos crêem que um bom livro deve lhes oferecer, sobre as diversas funções da leitura e escrita.

Sabe-se que

a leitura, mesmo na vida cotidiana, nasce de sugestões dos outros e de escolha próprias. Isso pode ser desenvolvido através de um trabalho de biblioteca, por exemplo, com criação de uma biblioteca em classe, com a programação de conversas periódicas sobre os livros que os alunos estão lendo ou com o incentivo a visitas à bibliotecas da cidade. O professor pode trazer à classe as resenhas literárias publicadas em jornal ou revista. Pode gravar entrevistas com escritores ou trazê-los à sala de aula para serem entrevistado pelos alunos. (MEC, 1996, p. 49)

A partir dessas atividades, na perspectiva do MEC, as crianças poderão fazer suas próprias resenhas e entrevistas. Descobrirão a profissão do crítico e poderão investigar como se sentem os escritores quando duramente criticados. E, principalmente, descobrirão que o leitor também é uma espécie de autor pois, ao ler, descobre coisas que muitas vezes o próprio autor não sabia que estava colocando em seu texto.

Cabe também ao professor acreditar na capacidade de compreensão de seus alunos. O interesse pela leitura fará com que seu aluno chegue ao final da história movido pela própria curiosidade. Pois, “os bons livros, como a própria vida, deixam no ar um certo enigma, um sabor de desconhecido que o professor deve e pode desfrutar juntamente com seus alunos”.

Se o professor for capaz de introduzir a idéia de que a escrita é um jogo instigante e a leitura uma fonte inesgotável de conhecimento, estará abrindo os olhos de novos leitores e o caminho de vigorosos escritores.

De acordo com pesquisa realizada por Fusaro (2005) apresentada em seu artigo *Fantasia contra violência*, mais do que um momento de lazer, ler histórias para crianças desmotiva o gosto pelos jogos eletrônicos e a reprodução da violência contida neles. Da mesma forma, meninas e meninos educados em escolas que incentivam a leitura são mais críticos em relação às narrativas dos games de ação. “Crianças que têm mais contato com literatura infantil adiam o fascínio pela violência”, disse o psicólogo e fonoaudiólogo Carlos Brito, professor da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), à Agência FAPESP.

Segundo Brito, o contato sistemático dos alunos da escola construtivista com a literatura infantil, principalmente com contos de fadas, estimula as crianças a lidar com a imaginação, exteriorizando a agressividade de maneiras sadias. O mesmo não ocorre com alunos da escola tradicional, que associam a leitura às provas e notas e preferem os jogos

eletrônicos. Daí a importância da escola enfatizar o aspecto lúdico na educação e não apenas o conteúdo das disciplinas.

O estudo foi feito entre outubro de 2003 e agosto de 2004, com cerca de 40 crianças de ambos os sexos e idades entre 8 e 9 anos. Elas foram separadas de acordo com a linha pedagógica das escolas em que estudavam. Em algumas, ocorria a leitura sistemática de contos de fadas durante o período de alfabetização e nas outras, não.

Entre aqueles que não tiveram contato com os contos na escola, 70% eram adeptos dos jogos eletrônicos violentos, enquanto esse número era de 30% nas outras escolas - lembrando que todas as crianças afirmaram gostar de ação e aventura durante os testes.

Aqueles que tiveram maior contato com contos de fadas também criavam brincadeiras menos violentas que os demais, além de demonstrarem mais criatividade. Segundo os psicólogos que participaram da pesquisa o contato com a fantasia desses contos adia o fascínio pela violência além de estimular a imaginação e a leitura.

Também, ao analisar outras pesquisas realizadas pelo MEC<sup>2</sup>, percebe-se a preocupação do mesmo com relação à formação do aluno leitor. Pesquisas apontam a falta de hábito de leitura pelos alunos e o Ministério da Educação e Cultura investe em programas na tentativa de resolver o problema.

Escolas distribuem kit **literatura**. O programa Leitura em Minha Casa, lançado pelo MEC, é para incentivar toda a família a ler. O aluno ganha um kit de **literatura** infantil, com cinco livros - Poesias, contos, clássicos da **literatura** universal e peças teatrais - favorecendo assim a interação escola/família, família/livros e aluno/leitura.

O guia de programas de Literatura da TV escola oferece sugestões ao professor de como trabalhar Contos de fadas, fábulas, poemas, novelas, romances, peças de teatro. Vários gêneros, muitos autores: de William Shakespeare a Hans Christian. Andersen, de Monteiro Lobato a Luis Fernando são trazidos através do vídeo onde a **literatura** infantil é utilizada para discussão sobre outros temas de interesse curricular. Os temas transversais citados pelos PCN'S<sup>3</sup> - são vistos partindo de histórias e, principalmente de contos de fadas.

---

<sup>2</sup> Ministério da Educação e Cultura

<sup>3</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais

Percebe-se que todos sabem a importância da literatura infantil tanto a dos tempos arcaicos quanto a pós-moderna, essencialmente sintonizada com estes tempos de mutação. Conforme Coelho(2003) de maneira lúdica, fácil e subliminar, ela atua sobre seus pequenos leitores, levando-os a perceber e a interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação, ao lhes propor objetivos, ideais ou forma possíveis ou desejáveis de participação no mundo que os rodeia.

O professor, encontra na literatura infantil e, principalmente nos contos de fadas um vasto e rico material pedagógico que poderá contribuir muito no desenvolvimento de suas aulas, tornando-as mais interessantes e prazerosas. Os conteúdos, como já vimos anteriormente, poderão ser “transmitidos” de forma bem agradável se tornando inesquecíveis para o aluno. As habilidades e competências de leitura e interpretação, o básico do processo ensino-aprendizagem, serão trabalhados com entusiasmo pela criança, na perspectiva de bons resultados para sua vida adulta.

Para encerrar essas reflexões sobre os contos se faz necessário mencionar um exemplo de uma interpretação dos contos de fadas à luz de Adamo Rangel (1997). O objetivo da reflexão é desvendar o mistério pessoal de cada um utilizando uma das mais famosas histórias de Andersen, o Patinho Feio. Ela nos revela o mistério do crescimento pessoal sintetizando a trajetória que todos nós teremos que passar.

Para o contexto de sala de aula, o professor poderá abordar o tema da “inclusão” para se trabalhar as diferenças individuais e os preconceitos existente contra os diferentes. A história será transcrita na íntegra para não haver o risco de erros durante a interpretação ao sintetizá-la.

### O Mito

*Há muito longe daqui, uma mansão campestre, em cujo quintal criam-se patos, galinhas e marrecos. Nela vivia uma pata, que esperava ansiosamente o nascimento de seus patinhos. Os ovos já estavam no ponto, e certo dia ela ouviu a suaves bicadas de seus filhos, quebrando as cascas. Logo, eles se abrigavam sob suas asas. Quando a pata ia se*



*levantar do ninho descobriu que um ovo ainda estava fechado. Justamente, o maior de todos. Estranhou, porque os patinhos costumam nascer todos juntos. Mas continuou chocando o ovo. Alguns dias depois, ouviu as bicadas características. E o patinho nasceu.*

*A pata olhou o filhote horrorizada. Era grande e muito, muito feio. Diferente de todos os outros. A pata chegou a pensar que tivesse chocado um ovo de perua por engano. No dia seguinte, mudou de idéia. Foi nadar com todos os patinhos e descobriu que o tal filhote nadava muito bem, sempre com o corpo reto e a cabeça erguida. Perus, como se sabe, não costumam nadar. Sentiu-se até orgulhosa e chegou a conclusão de que ele não era tão feio assim.*

*Quando ela foi apresentar a ninhada aos outros patos, porém, todos estranharam o patinho feio. Patos, marrecos, perus e galinhas só sabiam rir dele e fazer piadas. O pobre patinho passou a ser odiado por todo mundo. Até seus irmãos eram malvados com ele.*

*Assim, um dia, o patinho resolveu fugir. Conseguiu voar por cima da cerca e partiu para a floresta. Andou, andou, até o pântano repleto de gansos selvagens.*

*No início, os gansos riram muito de sua feiúra. Mas depois, com pena, disseram que ele poderia viver juntos com eles, e até migrar para os outros lugares, quando chegasse o inverno. O patinho já estava ficando animado, quando se ouviu um grande estrondo. Eram caçadores que atiravam nos gansos selvagens. Muitos foram atingidos, e os cães de caça entravam no pântano e levavam a presa na boca. O pobre patinho escondeu-se na folhagem, tremendo de medo.*

*Quando tudo acalmou, já não havia mais nenhum ganso por lá. Os que não tinham sido atingidos, fugiram. O patinho partiu também, o mais rápido que pode.*

*Chegou a uma cabana no mato. Entrou por uma fresta e conheceu os moradores. Eram uma velha, a galinha da velha e o gato da velha. Não é preciso dizer que a velha amava a galinha e o gato e tratava-os como se fossem pessoas da família.*

*Ao perceberem o patinho, a galinha começou a cacarejar e o gato a ronronar. A velha o examinou, e pensou que fosse uma pata. Ficou feliz, porque gostava de ovos de pata. Resolveu deixá-lo morando com ela por três semanas, para ver se botava ovo. Ficou lá, embora fosse maltratado pela galinha e pelo gato o tempo todo, que diziam:*

*- Você não sabe botar ovo.*

*- Você não sabe ronronar.*

*O patinho sentia uma tremenda necessidade de boiar na água, de nadar nos rios. Quando confessou esse desejo, a galinha e o gato ficaram estarecidos, pois lhes parecia algo muito estranho.*

*Apesar da cozinha quentinha e da comida na hora certa, o patinho decidiu partir. Foi para o lago e brincou na água.*

*Finalmente, o outono chegou. O ar esfriou. Mais algum tempo, e começou a nevar. Veio o inverno, e o patinho sofreu muito. Passava o tempo todo nadando de um lado para outro, para evitar o congelamento. Mesmo assim, não conseguiu. Um dia, desmaiou de casaco e ficou preso no gelo. Por sorte, um camponês que vinha passando encontrou o patinho, quebrou o gelo e o levou para casa.*

*A mulher do homem reanimou-o com leite. O patinho, porém, estava tão assustado que, assim que acordou, voou pela cozinha, derramando um jarro de leite. As crianças queriam brincar com ele, mas escapou das mãos delas e fugiu apavorado. Voltou a enfrentar o frio e a neve.*

*Foram meses duros, e ele quase não sobreviveu. Um dia, acordou e sentiu o primeiro raio de sol na plumagem. Havia chegado a primavera. Abriu as asas e percebeu que estavam mais fortes. E que podia voar, para longe!*

*Surpreso, percebeu que chegava em um grande lago, onde nadavam magníficos pássaros brancos. Decidiu voar até aquelas aves tão lindas, por quem sentia uma instintiva afeição, mesmo com risco de ser bicado, por ser tão feio.*

*Mas, quando chegou perto dos pássaros, que eram cisnes lindíssimos, foi recebido com alegria. Sem entender o que estava acontecendo, olhou para o seu reflexo na água. E, em vez de um patinho feio, o que viu foi um cisne! Ele era um cisne! Seu ovo devia ter sido deixado entre os ovos de pata por engano!*

*Os cisnes nadavam em torno dele e acariciavam sua plumagem com o bico.*

*Algumas crianças que estavam na margem do lago notaram o cisne e gritaram animadas.*

*- Um novo! Que bonito!*

*O patinho nunca foi tão feliz! Olhando para o seu reflexo na água, lembrou-se de todo o sofrimento que passara, e na contradição que significava ser considerado agora um pássaro tão lindo. Olhou as flores em torno do lago, sentiu o sol, e refugiou-se entre seus novos amigos, cisnes como ele.*

*Nunca, nem em sonhos, poderia ter imaginado tanta felicidade!*

### A interpretação

A primeira questão a observar, segundo o autor, é o mistério do nascimento.

Uma das principais características de nossa sociedade é a de que somos criados para sermos iguais. Qualquer diferença é vista com preconceito, seja racial, social e sexual. Isto nada mais é do que uma rejeição ao que é interpretado como sendo diferente, ou coisa pior. O que está por trás da idéia do preconceito na mais é do que um pensamento do tipo: “Eu e todos que se parecem comigo são melhores. Portanto, o diferente é ruim”.

Para Angel (1997), quem busca uma vida mais criativa e o desenvolvimento espiritual deve aprender a suportar o ônus de ser diferente. Ninguém pode imaginar que será uma pessoa completamente adaptada a certas regras e convenções e, ao mesmo tempo, crescer. Pois nenhuma planta, nenhum ser, se desenvolve amarrado. A pessoa que aceita ser livre, seja da maneira que for, será vista como diferente. E exige coragem para realizar o exercício da própria diferença para quem resolve buscar o crescimento interior com o intuito de não terminar sufocada e infeliz.

O patinho, em sua vida no galinheiro, representa a existência de cada um de nós, na interpretação do autor. Nascemos em famílias com certas regras estabelecidas. Estudamos em colégios e trabalhamos com pessoas freqüentemente bem-adaptadas. Mas nossa diferença certamente nos levará a buscar novos caminhos, como aconteceu com o patinho. O preconceito falando através da repressão fez com que saísse em busca de novos caminhos.

Na segunda parte da história o patinho parte percorrendo caminho do crescimento que às vezes é árduo. Vivendo experiências difíceis, consequência do aprendizado que possui um lado difícil. “Mas da caminhada do patinho fica uma lição: é preciso descobrir os

enganos, as seduções, as soluções aparentemente fáceis antes que seja tarde, e que nos desviemos completamente do caminho da luz. É preciso ter coragem de abandonar, para depois conquistar”.(p.168)

A patinho continua sua caminhada até os cisnes. Sente-se bem ali, mas ao mesmo tempo sente medo de ser recebido com piadas. O patinho já sabe o que gostaria de ser, mas ainda não reconhece a si mesmo, até o momento da grande revelação. Ele é ele mesmo. Apenas cresceu e encontrou seus iguais. Ou seja, completado o processo de crescimento interior, a semente germinou. Ele encontrou o próprio reflexo de luz. Conquistou a si mesmo, desabrochou em todo seu potencial, a única fonte possível de felicidade.

Na visão de Angel(1997) todos nós passamos várias vezes pela experiência de sentirmos deslocados, mal-amados. Enfim, patinhos feios. Mas todas essas situações devem ser lembradas, com reflexões sobre os pontos positivos dessas vivências. As situações podem ter sido dolorosas, mas deve-se agradecer a cada “bicada”, pois foi graças a cada gesto desagradável que se ganha forças para percorrer a grande trilha.

O “caminho da iluminação” é árduo e em grande parte solitário, pois só é válido quando corresponde a uma grande experiência interior. Dificuldades e seduções acompanham o caminhante. Mas, no final, sempre vale a pena. Só quem busca, descobre a si mesmo em todo seu luminoso potencial.

Este e outros contos possuem uma riqueza imensa de pontos a serem usados para reflexões em sala de aula. Por meio de um projeto pedagógico bem desenvolvido uma escola inteira poderá desenvolver um trabalho voltado, por exemplo, para a inclusão do aluno deficiente, ou seja, do diferente.

A proposta de inclusão da Secretaria de Educação necessita de um trabalho de sensibilização para todos seguimentos da comunidade escolar. Temos nos contos de fada uma viagem ao interior de cada um, refletindo sobre sua atitude diante do diferente, minimizando assim preconceitos e estreitando laços afetivos no contexto escolar.

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Ou seja, pesquisa bibliográfica segundo Lakatos(1992) refere-se ao levantamento de bibliografia publicada sobre o assunto em forma de livros, publicações avulsas, revistas e outros. “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações”. (ibib)

Os autores pesquisados foram Bárbara Vasconcelos de Carvalho, Nelly Novaes Coelho, Marie-Louise Von Franz, Roberta Bencine, L. C. Machado Sandroni e outros. Foram utilizados os Parâmetros Curriculares Nacionais, informações contidas no “site” do MEC- Ministério da Educação e Cultura e de autores também pesquisados na Internet.

A pesquisa de campo é a pesquisa empírica dedicada à constatação da realidade existente em um determinado local. Trata-se da “face empírica e fátual da realidade; Produz a análise dos dados” (DEMO, Apud UNICEUB, 2005)

A pesquisa se desenvolveu na Escola Classe 39 de Ceilândia-DF. Foi aplicado questionário com 11 perguntas fechadas (anexo) em 30 professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental sendo 28 do sexo feminino e 02 do sexo masculino. 26 deles com graduação em Pedagogia e 04 em nível de 2º grau, magistério para séries iniciais. Nenhum dos entrevistado possuía pós-graduação. A faixa etária está entre 27 e 40 anos de idade.

Foram aplicados também questionário com 10 perguntas fechadas e uma aberta(anexo) em 67 alunos da mesma escola, em nível de 2ª série. A faixa etária está entre 7 e 9 anos. 39 deles são do sexo masculino e 28 do sexo feminino.

A pesquisa foi desenvolvida na biblioteca da escola pelas professoras regentes das 04 classes de segunda séries. Aos professores a entrevista ocorreu durante as coletivas, no horário de coordenação, no período matutino e vespertino.

A análise dos dados foi feita de forma quantitativa e qualitativa com utilização de tabelas, com intuito de obter melhor visão dos dados apresentados e facilidade na interpretação dos mesmos.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Esta análise tem por objetivo verificar o hábito de leitura dos alunos e professores, bem como o incentivo oferecido aos alunos em sala de aula, buscando a formação de cidadãos críticos e bons leitores.

O questionário 01 é o que foi realizado com os professores e questionário 02 com os alunos.

QUESTIONÁRIO 01 – AOS PROFESSORES		
Nº	PERGUNTAS	RESPOSTAS
01	Você lê freqüentemente?	24 pessoas responderam sim (80%) 06 pessoas responderam não (20%)
02	Como você considera a leitura em sua vida? (Marque o que for de maior importância para você) (    ) necessária para o crescimento pessoal. (    ) necessária para atualização profissional. (    ) necessária para atuação profissional. (    ) fonte de conhecimento. (    ) momento de descontração (    ) outros: _____	09 responderam que a leitura é fonte de conhecimento. (30%) 08 disseram que a leitura é necessária para atuação profissional. (26,7%) 07 responderam que a leitura é necessária para atualização profissional. (23.3%) 05 vêem a leitura necessária para o crescimento pessoal. (16.7%) 01 afirmou que a leitura faz parte do momento de descontração.(3.3%)
03	Como você vê a literatura infantil na vida escolar de seus alunos? (    ) momento de descontração	16 entrevistados responderam que a leitura para seus alunos é prioritariamente fonte de conhecimento. (53.3%) 08 deles responderam que a leitura para seus alunos é

	<input type="checkbox"/> fonte de informação <input type="checkbox"/> forma de incentivo à leitura <input type="checkbox"/> outros: _____	prazerosa (26,7%). 06 dos entrevistados vêem a leitura para seus alunos como base para outras aprendizagens. (20%)
04	Que tipo de leitura você mais utiliza com seus alunos em sala de aula? <input type="checkbox"/> livro didático <input type="checkbox"/> revistas em quadrinhos <input type="checkbox"/> contos de fadas <input type="checkbox"/> poesias e/ou músicas <input type="checkbox"/> histórias infantis <input type="checkbox"/> jornais e/ou revistas <input type="checkbox"/> outros: _____	12 professores afirmaram utilizar mais histórias infantis (40%) 07 utilizam poesias e/ou músicas (23.3%) 05 utilizam livro didático (16,7%) 04 afirmaram utilizar os contos de fadas (13.3%) 02 utilizam mais revistas em quadrinho (6,7%)
05	Você utiliza os contos de fadas em sala de aula? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	30 professores utilizam os contos de fadas em sala de aula. (100%)
06	Com que frequência? <input type="checkbox"/> diariamente <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> nos momentos de recreação <input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> Outros: _____	16 afirmaram utilizar os contos às vezes (53.3%) 13 afirmaram utilizar o conto nos momentos de recreação.(43.3%) 01 utiliza o conto diariamente (3.3%)
07	Como você percebe a reação de seus alunos diante dos	18 professores percebem os alunos desinteressados pela leitura, mas interessados pelo desenho. (60%)

	livros de contos de fadas? <input type="checkbox"/> interessados pela leitura <input type="checkbox"/> pouco interesse pela leitura <input type="checkbox"/> pouco interesse pela leitura, mas interessados pelos desenhos <input type="checkbox"/> outros: _____	08 afirmaram que seus alunos são interessados pela leitura.(26,7%) 04 afirmaram que seus alunos têm pouco interesse pela leitura. (13,3%)
08	Como você vê o trabalho com contos de fadas no processo pedagógico? <input type="checkbox"/> não utilizo <input type="checkbox"/> bom instrumento pedagógico <input type="checkbox"/> não sei <input type="checkbox"/> outros: _____	16 professores vêem o conto como bom instrumento pedagógico. (53,3%) 12 não utilizam o conto como instrumento pedagógico. (40%) 02 não sabem (6,7%)
09	Você considera os contos de fadas um instrumento para formação da personalidade da criança? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	25 professores responderam que sim. (83,3%) 03 professores responderam que não (10%) 02 não responderam a pergunta (6,7%)
10	Você já fez algum curso sobre literatura infantil e como explorá-la em sala de aula? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	22 professores responderam que não. (73,3%) 08 responderam sim (26,7%)



Ao analisar os dados acima percebe-se que os professores reconhecem a necessidade da leitura. Quando perguntados se lêem freqüentemente 24 dos 30 professores entrevistados responderam que sim, enquanto apenas 06 responderam não.

Na pergunta 02, “como você considera a leitura em sua vida”, 09 responderam que a leitura é fonte de conhecimento, representando 30% dos entrevistados. 08 disseram que a leitura é necessária para atuação profissional, ou seja, 26,7% dos professores pesquisados. 07 responderam que a leitura é necessária para atualização profissional. 05 vêem a leitura necessária para o crescimento pessoal. Apenas 01 afirmou que a leitura faz parte do momento de descontração. Nota-se que a maioria utilizam a leitura para o seu desenvolvimento intelectual e não apenas pelo prazer de ler.

Novamente na resposta da pergunta 03, “como você vê a literatura infantil na vida escolar de seus alunos”, 16 professores, ou seja, 53,3% dos entrevistados responderam que a leitura para seus alunos é prioritariamente fonte de conhecimento. Demonstra um número significativo de professores que visam o intelectual por meio da leitura. 26,7% deles responderam que a leitura para seus alunos é prazerosa e apenas 20% dos entrevistados vêem a leitura para seus alunos como base para outras aprendizagens. Reafirmando o valor da leitura para o desenvolvimento cognitivo da criança na visão de 73,3% dos professores pesquisados.

Ao perguntar na questão 04 “que tipo de leitura você mais utiliza com seus alunos em sala de aula?” 12 professores, significando 40% dos entrevistados afirmaram utilizar mais histórias infantis. 07 utilizam poesias e/ou músicas. 05 utilizam livro didático. apenas 04, ou seja, 13,3% afirmaram utilizar os contos de fadas. 6,7% utilizam mais revistas em quadrinho.

Ao se referir aos contos de fadas 100% dos entrevistados afirmaram utilizá-los em sala de aula. Ao perguntar com que freqüência 16 afirmaram utilizar os contos às vezes. 13 afirmaram utilizar o conto nos momentos de recreação. Apenas 01 utiliza o conto diariamente, demonstrando que, embora afirmem utilizá-lo, a freqüência é pouco.

Na questão 07 “como você percebe a reação de seus alunos diante dos livros de contos de fadas?” 18 professores percebem os alunos desinteressados pela leitura, mas

interessados pelo desenho. 08 afirmaram que seus alunos são interessados pela leitura. 04 afirmaram que seus alunos têm pouco interesse pela leitura.

Ao referir ainda aos contos de fadas 16 professores o vêem como bom instrumento pedagógico. 12 não o utilizam e 02 responderam não saber, ou seja, desconhecem o conto como instrumento pedagógico. Assim, 53,3% dos entrevistados significando a maioria dos professores vêem nos contos de fadas um instrumento pedagógico embora 40% deles não o utilizem.

Quanto à questão “você considera os contos de fadas um instrumento para formação da personalidade da criança?” 25 professores responderam que sim. 03 professores responderam que não e 02 não responderam a pergunta. Isto significa que 83,3% dos professores reconhecem a interferência dos contos de fadas na formação da personalidade da criança.

Ao questionar os entrevistados sobre cursos com relação à literatura infantil e como explorá-la em sala de aula 22 professores responderam que não fizeram e 08 responderam que já participaram. Demonstrando que 73,3% dos professores não tem formação acadêmica para trabalhar a literatura infantil com seus alunos o que certamente dificulta essa prática pedagógica.

QUESTIONÁRIO 02 – AOS ALUNOS		
Nº	PERGUNTAS	RESPOSTAS
01	Por que temos que aprender a ler?	<p>As respostas mais utilizadas foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 12 deles disseram que é para facilitar o emprego e ganhar dinheiro. (17,9%)</li> <li>• 12 afirmaram que é para ser alguém na vida, crescer, ter futuro. ((17,9%)</li> <li>• 04 responderam que é para conhecer novas histórias. (6%)</li> <li>• 04 disseram que é para entender as perguntas da prova e respondê-las (6%)</li> <li>• 03 para ficar mais inteligente. (4,5%)</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• 02 para aprender as coisas. (3%)</li> </ul> <p>E outras:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Para aprender a escrever</li> <li>• Para aprender a comunicar-se.</li> <li>• Para ir para a faculdade.</li> <li>• Para facilitar a vida: pegar ônibus, assinar documentos.</li> <li>• Para passar de ano</li> <li>• Para fazer dever de casa</li> <li>• Para quando crescer poder defender nossos direitos</li> <li>• Para não ficar burro.</li> <li>• Para ler história para os filhos quando crescer.</li> <li>• Para ser professor</li> <li>• Para conseguir ir para a faculdade</li> </ul>
02	<p>Alguém em sua família costuma ler para você? Quem?</p> <p><input type="checkbox"/> Sempre   <input type="checkbox"/> pai e/ou mãe</p> <p><input type="checkbox"/> Às vezes   <input type="checkbox"/> avós</p> <p><input type="checkbox"/> Nunca   <input type="checkbox"/> irmãos</p> <p><input type="checkbox"/> Outros: _</p>	<p>45 alunos responderam às vezes. (67,2%)</p> <p>09 alunos responderam nunca. (13,4%)</p> <p>08 alunos responderam sempre. (11,9%)</p> <p>05 alunos não responderam. (7,5%)</p> <p>28 afirmaram que os pais costumam ler para eles. (41,8%)</p> <p>17 alunos não responderam quem lê para eles. (25,4%)</p> <p>09 afirmaram que os irmãos lêem para eles (13,4%)</p> <p>06 disseram que os avós lêem para eles. (9%)</p> <p>04 marcaram outros e afirmaram que a coleguinha/amiga lê ao brincarem de escolinha (6%)</p> <p>03 marcaram outros e afirmou que a tia lê para eles.</p>

		(4,5%)
03	Alguém em sua família costuma lhe contar histórias? ( ) Sempre ( ) Às vezes ( ) Nunca	43 alunos responderam às vezes. (64,2%) 09 alunos responderam sempre(13,4%) 09 alunos não responderam(13,4%) 06 alunos responderam nunca(9%)
04	Em casa há pessoas que lêem sempre? ( ) Sim ( ) Não	43 alunos responderam não(64,2%) 22 alunos responderam sim. (32,8%) 02 alunos não responderam(3%)
05	Você gosta de ler para um grupo? ( ) Sim ( ) Depende de quem seja ( ) Não	28 alunos responderam sim(41,8%) 24 responderam depende de quem seja(35,8%) 13 responderam não (19,4%) 02 não responderam(3%)
06	Você costuma ler para alguém fora da escola? Onde? ( ) Sempre ( ) Em casa ( ) Às vezes ( ) Na igreja ( ) Nunca ( ) Entre amigos ( ) Outros: _____	38 responderam às vezes(56,7%) 12 responderam sempre(17,9%) 11 responderam nunca(16,4%) 06 não responderam(9%)  44 responderam que lêem em casa(65,7%) 09 lêem entre amigos(13,4%) 08 não disseram onde lêem(11,9%) 06 disseram ler na igreja(9%)
07	Fazer leitura silenciosa antes de ler oralmente é: ( ) Desnecessário e chato ( ) Chato mas importante	28 afirmaram ser chato mas importante(41,8%) 18 afirmaram ser desnecessário e chato(26,9%) 10 afirmaram ser legal e importante(14,9%) 06 afirmaram ser legal mas desnecessário(9%)

	<input type="checkbox"/> Legal mas desnecessário <input type="checkbox"/> Legal e importante	05 não responderam(7,5%)
08	Alguém já lhe deu ou emprestou um livro de história? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	63 alunos responderam sim(94%) 04 alunos não responderam(6%)
09	No caso de resposta afirmativa, quem? <input type="checkbox"/> Pais <input type="checkbox"/> Parentes <input type="checkbox"/> Amigos <input type="checkbox"/> Professores <input type="checkbox"/> Outros: _____	45 responderam que foram os professores. (67,2%) 16 responderam que foram os pais. (23,8%) 06 não responderam(9%)
10	Você gosta de ouvir contos de fadas? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> às vezes	58 alunos responderam sim. (86,6%) 05 responderam não(7,5%) 04 não responderam(6%)
11	Que tipo de texto você mais gosta? <input type="checkbox"/> Poesia/música <input type="checkbox"/> De revistas <input type="checkbox"/> De livros de histórias <input type="checkbox"/> Dos livros da escola (português/ciências) <input type="checkbox"/> De jornais <input type="checkbox"/> Outros: _____	43 marcaram livros de histórias(64,2%) 09 marcaram livros da escola (português/ciências) (13,4%) 08 marcaram poesia/música(11,9%) 05 não responderam(7,5%) 02 responderam gostar mais de revistas(3%)

Ao analisar a questão 01 do questionário dos alunos “por que temos que aprender a ler” as respostas mais utilizadas foram: para facilitar o emprego e ganhar dinheiro; para ser

alguém na vida, crescer, ter futuro; para ficar mais inteligente; para aprender as coisas; para aprender a escrever; para aprender a comunicar-se; para ir para a faculdade; para conhecer novas histórias; para facilitar a vida: pegar ônibus, assinar documentos, para entender as perguntas da prova e respondê-las; para passar de ano; para fazer dever de casa; para quando crescer poder defender nossos direitos; para não ficar burro, para ler história para os filhos quando crescer; para ser professor; para conseguir ir para a faculdade e outros menos citados.

12 alunos, ou seja, 17,9% responderam que aprendemos a ler para facilitar o emprego e ganhar dinheiro, em paralelo com a resposta “para ser alguém na vida, crescer, ter futuro”, também com 17,9%, demonstrando a fala popular em nosso contexto social. Com certeza são os argumentos mais utilizados pelos pais para incentivar o aluno a ler e, principalmente, ir à escola. Usam-se muitos argumentos mas proporcionam pouca prática no dia-a-dia.

Com relação à questão 02 “alguém em sua família costuma ler para você? Quem?” 45 alunos responderam às vezes alguém lê para eles. 09 alunos responderam nunca alguém lê para eles. 08 alunos responderam sempre e 05 alunos não responderam a questão.

Ao responderem quem lê para eles 28 afirmaram que são os pais. 17 alunos não responderam a questão. 09 afirmaram que quem lê para eles são os irmãos. 06 disseram que são os avós. 04 que marcaram outros afirmaram que a coleguinha/amiga lê ao brincarem de escolinha e outros 03 afirmaram que a tia lê para eles.

Percebe-se que embora nossa comunidade não seja tão leitora a família ainda é importante neste contexto visto que 41,8% dos pais lêem para seus filhos, embora muitos responderam que isso acontece às vezes. Os irmãos também participam dessa tarefa embora seja apenas em 1,3% dos casos.

Nota-se também a leitura nas brincadeiras do faz de conta, demonstrando que a leitura, pelo menos para a minoria pesquisada é fonte de lazer.

Ao serem questionados “alguém em sua família costuma lhe contar histórias?” 43 alunos responderam às vezes. 09 alunos responderam que em casa há sempre alguém que

lhe conta histórias. 09 alunos não responderam a pergunta e 06 alunos responderam que em casa nunca lhe contam histórias.

Com relação a pergunta “em casa há pessoas que lêem sempre?” 43 alunos responderam não. 22 alunos responderam sim e 02 alunos não responderam a questão. É significativo o número de alunos que afirmaram a falta de hábito de leitura em casa com 64% dos casos.

Ao serem perguntadas se gostam de ler para um grupo 28 alunos responderam que sim. 24 responderam que depende de quem seja os participantes do grupo. 13 responderam que não e 02 não responderam.

Ao tentar descobrir sobre o hábito de leitura dos alunos fora da escola com a questão “você costuma ler para alguém fora da escola? Onde?” 38 responderam às vezes. 12 responderam que sempre lêem para outros fora da escola. 11 responderam nunca. 06 não responderam a pergunta.

Ao responderem onde lêem 44 responderam que lêem em casa. 09 lêem entre amigos. 06 disseram ler na igreja e 08 não responderam onde lêem. Reafirmando o bom índice de leitura em casa, embora não seja prática constante, por 65,7% dos casos.

Tentando saber a opinião das crianças sobre o hábito em sala de aula de fazer leitura silenciosa antes de ler oralmente 28 dos 67 alunos afirmaram ser chato mas importante. 18 afirmaram ser desnecessário e chato. 10 afirmaram ser legal e importante. 06 afirmaram ser legal mas desnecessário e 05 não responderam a pergunta. Isto significa que 42% dos alunos entrevistados consideram necessário a leitura individualizada e em silêncio, embora considerem isso chato.

Ao responderem a questão “alguém já lhe deu ou emprestou um livro de história?” 63 alunos responderam que sim e apenas 04 alunos não responderam. Ao serem questionados sobre quem os emprestou 45 responderam que foram os professores. 16 responderam que foram os pais e 06 não responderam. Um dado significativo é o fato de 67% dos empréstimos serem feitos por professores, colocando assim a escola como um local de maior acesso à leitura.

Ao perguntar sobre o gosto dos alunos pelos contos de fadas 58 alunos responderam afirmativamente. Apenas 05 disseram não e 04 não responderam a questão. Isto significa o alto índice de 87% dos entrevistados se interessam por esse tipo de leitura.

Quando questionados sobre o tipo de texto que mais gostam 43 responderam que gostam mais dos livros de histórias. 09 afirmaram gostar mais dos livros da escola (português/ciências), 08 demonstraram preferência pela poesia e música. 05 não responderam a pergunta e 02 disseram gostar mais de revistas. Portanto, 64% dos alunos preferem ler histórias.



## CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa de campo pôde nos mostrar um pouco da realidade sobre o hábito de leitura dos professores e alunos e também a forma de trabalho envolvendo a literatura infantil, principalmente os contos de fadas em sala de aula com os alunos das séries iniciais do ensino fundamental.

Com relação à pesquisa bibliográfica cujo objetivo é de possibilitar o conceito e mostrar a origem da literatura infantil, refletir e analisar sobre a prática pedagógica acerca do papel da literatura e promover o incentivo à leitura na exploração dos contos de fadas, foram em parte alcançados.

Com relação ao último item, o incentivo à leitura na exploração dos contos de fadas, há muito a ser feito. A escola requer de tempo e projeto pedagógico a longo prazo para que estas habilidades sejam desenvolvidas. Conforme sugestão do MEC(1996) este trabalho poderá ser realizado na biblioteca das escolas, embora sabe-se que a Secretaria de Educação do Distrito Federal não oferece bibliotecários. Este setor fica entregue às mãos de pessoas readaptadas, seja professor ou não, o que dificulta em muito esse tipo de trabalho.

Também, os objetivos foram alcançados no que diz respeito à opinião dos entrevistados sobre a prática. Se referindo aos conhecimentos teóricos nota-se que há muito a desvendar sobre o tema. O material é amplo e faz-se necessário maior tempo para o estudo.

Os resultados obtidos na pesquisa de campo vão de encontro à teoria estudada quando afirmam que a criança possui gosto pelas histórias infantis e que falta incentivo pela busca ao material de leitura em nossa sociedade. A falta de leitores em família também é um fato visível tanto na pesquisa como em observação dessa realidade no nosso dia-a-dia e se torna prejudicial na aquisição do hábito de leitura.

Faz-se necessário ao professor atentar-se para o fato de desenvolver em seus alunos e em si mesmo o gosto pela leitura apenas pelo prazer e não para desenvolvimento intelectual ou ganhos pedagógicos, embora isso seja consequência do ato de ler.

Os contos de fadas foram poucos citados pelos docentes em sua prática diária. Mas vêem nele um bom instrumento pedagógico. Talvez esse fato vá de encontro à falta de

curso na área, pois o professor terá que aprender sozinho a trabalhar com esse material dificultando assim o processo. Em observação nos formulários de cursos da EAPE , Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico da Secretaria de Educação do Distrito Federal, percebe-se que apenas um curso foi ministrado para professores, nesta área, de 2003 até o presente momento.

Percebe-se também que a escola ainda é o local de maior contato com a leitura. Tem esta, portando, o dever de estimular o gosto pela literatura infantil. Poderão partir até mesmo do simples interesse pelas gravuras, como afirmaram os professores, ao dizer que os alunos demonstram desinteresse pela leitura mas gostam de olhar as gravuras.

Assim sendo não há melhor material que os contos de fadas. Suas ilustrações despertam o interesse de qualquer criança e até mesmo do adulto. Surge aí uma importante fonte para o início de uma linda jornada que só terá pontos positivos. Pois, como afirmam algumas teorias estudadas a motivação pela leitura começa quando o leitor tem sua curiosidade despertada para saber o que acontecerá no final da história.

Além disso, temos nos contos de fada um rico material para incentivar a leitura até mesmo na família. A escola poderá ser a provedora de material de leitura para as famílias, visto que 63% dos alunos afirmaram que não há sempre o hábito de leitura em casa.

Sabe-se que ouvindo histórias a criança reforça seus laços afetivos com a família e com o professor, desenvolve sua própria fantasia e aprende a lidar com a realidade de forma divertida e significativa. A literatura infantil, principalmente os contos de fadas ajuda a descobrir novos caminhos para alcançar seus objetivos inseridos no mundo em que vive.

Além disso, como visto anteriormente, pode ser utilizado no processo ensino-aprendizagem podendo favorecer a construção de situações cotidianas que levarão a criança a fazer uma releitura de si mesma e de seu posicionamento no mundo e na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGEL, Adamo. **Meditando com as fadas**. São Paulo. Gaia, 1997.

BENCINE, Roberta. **O maravilhoso mundo dos contos de fadas e seu poder de formar leitores**. In: Revista do Professor –Nova Escola; ano XX, Nº 185, Setembro de 2005; p.52

BRASIL. Ministério da Educação. Cadernos da TV escola. **Como as crianças aprendem a gostar de ler**. MEC/SCS/INEP. UNB/Brasília – DF. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **TV escola**. Guia de programas. Literatura. Programas de 138 a 147. Brasília, MEC/SEF, 1997. Disponível [www.mec.gov.br/seed/tvescola/Guia/Pdf/literatura.pdf](http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/Guia/Pdf/literatura.pdf) >Acesso em 22 de setembro de 2005.

BRASIL. Secretaria do Estado de Educação . **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. MEC/SEE. Programa Leitura em Minha Casa. Disponível em [www.sed.rct-sc.br/fevereiro/060202/escolas.htm](http://www.sed.rct-sc.br/fevereiro/060202/escolas.htm) > Acesso em 22 de setembro de 2005.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil** – visão histórica e crítica. São Paulo: Global, 1987.

CASHDAN, S. Jornada ao centro do eu. In: **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas: como os contos de fadas influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro: campus, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 2003.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A individuação dos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1984.

FUSARO, karin. **Fantasia contra a violência**. Disponível em [www.abrelivros.org.br](http://www.abrelivros.org.br) > Acesso em 23 de setembro de 2005.

LIMA, Marilene. **Relação pedagógica e o caminho que deve seguir a educação**. Disponível no site: (Edukaleidos Consultoria) [mali@estadao.com.br](mailto:mali@estadao.com.br) > Acesso em 23 de setembro de 2005.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto Acadêmico:** técnicas de redação e de pesquisa científica. Petrópolis, RJ. Vozes, 2005.

REGO, Lúcia Browne. **Literatura infantil:** uma perspectiva da alfabetização na pré-escola. São Paulo: FTD, 1985.

SANDRONI, L. C. MACHADO, L. R. **A criança e o livro:** guia prático de estímulo à leitura. São Paulo: Ática, 1988.